

## CONSTRUINDO JUNTOS O PEZINHO DE JATOBÁ

Lara Lima SATLER  
satlerlara@gmail.com

Ana Rita VIDICA  
anavidica@gmail.com

Maria Júlia PASCALI  
julia.pascali@gmail.com

Marcelo Javier Aguirre MARQUEZ  
marcelojaguirre@gmail.com

Suzany Newbarth ARAÚJO  
newbarthsuzany@gmail.com  
*Universidade Federal de Goiás*

ISSN 2316-6479

### Resumo

Este artigo é o exercício coletivo de sujeitos que refletiram sobre possíveis caminhos para criações e apropriações coletivas no Pezinho de Jatobá. Este projeto, existente desde 2001, se realiza a partir de ações de sensibilização ambiental e exercícios de cidadania, concretizadas em atividades em que a fotografia e o vídeo são instrumentos lúdicos para possibilitar a discussão sobre valores e critérios do Novo Paradigma. Como estas atividades se convertem em um estímulo à participação das crianças e adolescentes do bairro, no processo da percepção e construção da sua comunicação por meio das imagens?

**Palavras-chave:** criação coletiva; fotografia; vídeo; Novo Paradigma


### Abstract

This paper is a collective exercise of individuals that reflects about ways to create and pocket collectives in Pezinho de Jatobá. This Project, exist since 2001, to come true in actions of ambiental sensibility and citizen exercises, toward photography and video like playful instruments to became possible a discuss about values and criterias of New Paradigme. How this activities can stimulate collective participation of children and teenagers of Ward in persective and constructive process of communication toward images?

**Keywords:** collective creation; photography; video; New Paradigme

## 1. Caminh(amos)

*“Caminho  
Cá dentro de mim  
Posso entrar?  
E onde estou?  
Não sei...Não sei  
Mas meus passos me levam  
O vento me leva,  
E ouço o chamado, o seu chamado  
Que como o vento, uiva em meu ouvido  
O que você diz?  
Será que consigo escutar...e falar junto?  
Escutar Falar Ar*



*Ar que respiro  
Respiramos juntos  
Juntos  
Escutar  
Falar  
Sentir  
Viver*

Ana Rita Vidica


A poesia Caminh(amos) foi criada a partir de uma sensibilização, na qual o escutar, falar, sentir e viver junto também é proposta deste texto. Assim, ecos de cinco vozes começam a se encontrar e dar corpo a gritos, ora uníssonos, ora dissonantes. A unidade está no querer estar e construir coletivamente. E, o dissonante, está na particularidade de cada voz.

## **2. No Pezinho de Jatobá**

A minha participação, inicialmente, estava limitada ao registro fotográfico do projeto. Contudo, ao estar junto com a comunidade, é impossível ficar sempre atrás da câmera e não se colocar diante dela, se misturando com o local, o bairro Shangri-lá e os seus moradores. Então, acabei me envolvendo no processo, participando das atividades de maneira mais integral, possibilitando um envolvimento mais profundo. Ao me graduar, continuei frequentando o projeto, na medida do possível, pois trabalhava em outro local e nem sempre conseguia comparecer. Ao me tornar professora da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, há 3 anos, reestabeleci o vínculo institucional e pude voltar a participar de maneira mais efetiva.

Contudo, a minha leitura do projeto era outra, até porque eu era outra também e, percebia a necessidade de estar mais junto, de ouvir os meus anseios e dos participantes do projeto e pensar de forma coletiva a proposição das atividades. Então, ao assumir a coordenação do projeto, no início de 2011, pude, a partir destas reflexões, assumir de maneira veemente esta postura, resultando, dentre outras propostas, a criação da disciplina compartilhada com mais duas colegas para a continuidade deste processo de reflexão sobre o projeto.

Assim, a sensibilização ambiental, proposta pelo projeto, começa com a sensibilização de cada um em relação a si mesmo, ao outro e ao meio. Nesse sentido, estruturalmente, o projeto conta com a participação de docentes e discentes da Faculdade de Comunicação e diversas unidades acadêmicas como: Faculdade de Educação Física, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Escola de Música e Artes Cênicas.




Shangri-lá é um bairro da periferia de Goiânia-GO, com ruas de terra, pouco transporte público, população de baixa renda, em que inexitem espaços de convivência comunitária (escolas, creches, etc.) e de lazer (parques, cinemas, etc), tornando as atividades do Projeto de Extensão Pezinho de Jatobá em um espaço de convivência e lazer entre os moradores do bairro e pessoas vinculadas à universidade. O projeto possibilita também a criação de uma relação entre todos os envolvidos, uma Reserva Ambiental, existente no local, e o bairro como um todo. Logo, há uma extensão entre universidade e sociedade permeada pela convivência de múltiplos atores. Esta extensão se presentifica na medida em que um estrangeiro ao fazer intercâmbio na UFG se interessa por integrar-se ao projeto, como o discente uruguaio Marcelo Marquez, e percebe que

Mi pasaje por este proyecto fue un desafío y experiencia enriquecedora en todo sentido. Fui atravesado, no solo por una pasantía en un proyecto de extensión, sino que me vi envuelto en un país, una lengua, una Universidad (y su sistema universitario), una comunidad, distinta a mi cotidianidad. Por distinto, me refiero a lógicas y prácticas a las que uno no está acostumbrado, diferentes. La noción de extranjería, entonces, en la que está el agente externo a una comunidad y desde dónde se debe posicionar uno para trabajar con la comunidad, en mi caso, se puede decir que fue doble. [...] Percibir cómo el modelo universitario del que uno proviene hace huella en el cuerpo, y cómo se pone en constante inter-juego y evidencia en las interrelaciones que uno entabla (lo discursivo, lo ideológico, el enfoque conceptual, lo que se naturaliza y lo que no, etc.) fue algo que al principio me llamó la atención. Mi saber, en este sentido, desde la Psicología Uruguaya, se vio implicado en un proyecto netamente comunitario, con una historia y unos actores muy marcados. Llamativamente, para mi forma de ver, estuvo y está impulsado, primero que nada por un grupo humano con una particular forma de percibir el mundo, y luego (como segundo plano) un grupo humano provenientes de una determinada casa de estudios (Facultad de Comunicaciones y Biblioteconomía).

Assim, as contribuições de diversos pontos de vista e origens de locais de fala servem ao projeto a multiplicidade necessária para pensar modos de sensibilizar as relações pelas imagens, como veremos no próximo ítem.

### **3.Sensibilizar as relações socioambientais**

As potencialidades metodológicas da Comunicação Comunitária dentro das atividades do Pezinho de Jatobá tornam-se tão frutíferas com as crianças e adolescentes do projeto quanto conosco, docentes e alunos desta instituição. Isto porque exige de nós mudarmos o ângulo de visão que concebiam preferencialmente a Comunicação dos grandes meios para perceber a Comunicação nas relações.




Trazer a Comunicação para a perspectiva relacional interessa-nos na medida em que evitamos permanecer no tradicional debate dos grandes meios *versus* meios comunitários. Embora esta relação de forças se mantenha até aos dias atuais, não é sobre ela que buscamos nos concentrar. Desse modo, da Comunicação Comunitária buscamos as metodologias de comunicação popular e não apenas as alternativas aos grandes jornais e meios, mas àquelas que concebem uma comunicação dialógica entre “Eu-outro” por meio de tecnologias e cujas características se dão pelas atividades de produção e transmissão coletivas, co-planejamento e co-gestão que priorize a autonomia dos sujeitos, na medida em que se reconhecem como protagonistas do processo comunicativo. Neste contexto, vê-se brotar nas relações participantes de projetos que atuam nesta perspectiva “o senso de partilha” e “os mecanismos de gestão pública e coletiva” (PERUZZO, 2007, p.110)

Pelo potencial educativo destas metodologias, estes princípios (liberdade de se comunicar, igualdade deste direito, comunicação como voz do exercício cidadão por meio das metodologias participativas e co-geridas) são semelhantemente pontuados no campo teórico da Educomunicação. Tal conceito tem como princípio deslocar a relação que estabelecemos com a comunicação de consumidores de informação para estabelecer outra, a de produtores de comunicação, uma vez que se comunicar é “um direito humano a ser exercido por todas as pessoas, independente de idade, gênero, origem, condição social” (LOPES LIMA, 2009, p. 28).

Assim, compreendemos que as metodologias comunicativas em comunidade apresentam um considerável nível educativo tanto para os graduandos que estão cursando uma disciplina, quanto para as crianças e adolescentes que participam do projeto, quanto para as docentes que partilham com ambos os grupos a gestão educacional desta “disciplina-projeto”. É desafiador para as docentes estabelecer relações de igualdade com os discentes e simultaneamente conduzir o processo educativo. Da relação professor-aluno, a expectativa premente não é a troca de saberes, como nos sugere Paulo Freire (2001), mas a transmissão daquele que sabe – professor – para aquele que não sabe – aluno. Romper com esta expectativa acadêmica torna-se mais uma atividade educacional dentre as demais, por isso, propomos a ruptura com a partilha entre os graduandos da proposição e condução das “atividades” intituladas “lúdico-pedagógicas” a serem realizadas no projeto, com as crianças e adolescentes do Shangri-lá.

Intercalando quinzenalmente a estas atividades, propomos ainda a partilha do sensível por meio de sessões de cinema na sala do projeto (no bairro não



existem espaços de lazer). Para Rancière (2005, p.16), a partilha do sensível é uma espécie de forma *a priori* da subjetividade política, uma distribuição conturbada de lugares e ocupações, um modo negociado de visibilidade que “faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce”. Em outras palavras, ao possibilitarmos às crianças e adolescentes do Shangri-lá o acesso ao cinema sobre o qual se pode dialogar ao final é um modo de compreender os discursos históricos presentes nas obras, relacionando suas escolhas estéticas a perspectiva política dos diretores-estúdios que as produziram. Nesta mesma perspectiva de partilha do sensível é que a discente Suzany N. Araújo reflete sobre aprender e ensinar, numa oficina de grafite ministrada às crianças e adolescentes do projeto:

O grupo que se propôs a participar era misto, com idades e comportamentos diferentes, dando repostas múltiplas e muito singulares, dentro do processo. Entender essa especificidade, de cada participante, me fez compreender que trabalhar em comunidade não é apenas prestar serviços, ou oferecer assistencialismo periodicamente. Enquanto eu ensinava, eu também me permitia aprender. As oficinas então se tornaram processo de vivência de trocas de experiência onde eu exercitei minha sensibilidade, e que trouxeram grandes mudanças tanto na parte de estratégia pedagógica quanto na minha posição naquela comunidade.


Desse modo, a partilha do sensível proposta por Rancière transita em espaços de ensinar e aprender fazer imagens, mesmo que este exercício tenha como fim último o exercício de uma nova ética, mais cidadã e integral como veremos no item a seguir.

#### 4. Vivências e Treinamentos para o Novo Paradigma

*“No passado, os átomos que hoje constituem o nosso corpo podem ter estado num vulcão, nas rochas, nos oceanos, na atmosfera, num carvalho, numa águia e em outras pessoas do passado e do presente. O que mudou ao longo dos éons foram as combinações desses átomos entre si - não os átomos”*

Peter Russell

Tenho acompanhado e participado do Projeto Pezinho de Jatobá, desde 2004, a convite da professora Ms. Lisbeth Oliveira. Minhas proposições giram em torno das vivências de preparação pedagógica dos professores, educadores e/ou alunos/monitores que desenvolvem suas ações, em coletivo, e de forma participativa junto às comunidades visitadas, com bases em duas premissas: valores e critérios do Novo Paradigma e a teia da Sincronicidade.



Inspirada nos autores Fritjof Capra, Peter Russell, Lao Tsé, Felix Guattari, Carl Gustav Jung, dentre outros, construímos um quadro comparativo com valores e critérios do Novo e Velho paradigma, procurando responder ao momento histórico e às necessidades específicas de Projetos como o Pezinho de Jatobá, com treinamentos e jogos que despertem o estado de presença e a criação coletiva.

Nós, seres expressivos e atuantes, estamos respondendo ao momento histórico com treinamentos e jogos para o estado de criação e construção estética com percepção e adoção de uma atitude que incorpora valores como simplicidade, solidariedade, profundidade, espiritualidade, síntese, interioridade, respeito ao diferente, unidade na diversidade, cooperação, desapego e visão holística, buscando desenvolver a expressão artística multidisciplinar de um ser harmonioso e integrado ao presente.


As proposições criadas sob esta luz são convites para equipes de trabalho que queiram refletir e agir sobre algumas implicações do ato da comunicação, especialmente no que diz respeito ao caráter educacional e de formação.

Estamos vivenciando uma imbricação de valores oriundos de dois paradigmas. Como seres criativos, produtores de informação, somos convidados a decifrar os valores relativos tanto ao Velho quanto ao Novo Paradigmas e a tomar posição consciente frente aos signos e sua emissão. Diante do conhecimento dos valores característicos de cada Paradigma poderemos fazer um perfil mais acurado dos preceitos que norteiam nossas propostas e ações. Observando como são concebidas as propostas, como se dão as relações entre pessoas, temas e expressões, o relacionamento com a produção e a difusão dos trabalhos, podemos perceber quais valores estão nos regendo.

Através de treinamentos e auto-conhecimento, tornamo-nos mais conscientes a respeito dos signos que estamos gerando e do efeito que estes signos provocam em nós mesmos, nas pessoas e seres que nos rodeiam, incluindo todos os reinos, visíveis e invisíveis. Podemos atuar na construção dos valores do Novo Paradigma, contribuindo, assim, de forma criativa, efetiva e responsável na construção do modo de vida do Terceiro Milênio.

Práticas sócio-pedagógicas de integração comunitária que congregam rito de passagem e arte, levam à percepção e adoção de atitudes onde se exercitem: estado de presença, criatividade, respeito à diversidade, admiração pela alteridade, democracia, cidadania, auto-estima, sociabilidade e novas postura e visão diante do planeta e de todos os reinos.

“As cinco cores cegam  
a visão do homem



os cinco tons  
ensurdecem a audição do homem  
os cinco sabores  
embotam o paladar do homem  
galopes e caçadas  
frenesiam o coração do homem  
bens custosos  
obstam as ações do homem

Por isso o homem santo  
sendo entranhas  
não olhos  
afasta o ali  
*agarra o aqui.*”

Lao Tsé

A atitude de tentar viver no aqui-agora nos leva a uma dedicação tão integral ao que se está fazendo, que cada experiência permite ultrapassar o sentido rasteiro de tempo e espaço. A integração ao fazer elimina os limites entre o ato, o eu e o produto (material ou imaterial), entre o feito, o(s) fazedor(es) e o feito, nos permitindo experimentar a comunhão com o Universo, a afinação com a teia da Sincronicidade. Esta experiência não é mensurável por duração, páginas, ou qualquer medida quantitativa, nem mesmo por um encadeamento nascido na lógica. Quando mergulhados numa dimensão elevada do tempo/espaço, nossa percepção e atos perdem autoria e propriedade, o senso de individualidade se mescla no de coletividade planetária, e nos colocamos como observadores, permitindo um diálogo com a linha condutora da Sincronicidade.

Segundo a sabedoria chinesa, Sincronicidade diz respeito a uma rede que liga tudo e todos, incluindo todo o universo, em todos os tempos e espaços, visíveis e invisíveis e que compreende que nenhuma ação (no mais amplo espectro deste termo) está isolada e o acaso é o sinal para que os humanos a percebam, compreendam e respeitem.

Aliando este conhecimento ao quadro comparativo dos valores e critérios dos Novo e Velho Paradigmas, passamos a desenvolver proposições para despertar diversas escutas na construção das práticas pedagógicas, culturais e sociais, buscando um alinhamento com a teia da Sincronicidade, por parte de educadores e participantes do Pezinho de Jatobá, através da disciplina Comunicação e Sincronicidade: criação coletiva.

Assim, inspiradas no quadro abaixo, nossas vivências (tanto com os discentes em sala de aula quanto com as crianças e adolescentes no bairro) buscam abrir todos os participantes envolvidos (inclusive nós, professoras) para:

1. escuta interior;
2. escuta da natureza;
3. escuta coletiva;
4. escuta das vozes culturais;
5. escuta dos preconceitos;
6. escuta do cruzamento de valores e critérios de paradigmas;
7. escuta de novas possibilidades, pontos de vista e atitudes.

O Novo Paradigma toma corpo através das diversas atividades planejadas para os encontros do projeto, buscando desenvolver na criança a criatividade, a sensibilidade e um nível de concentração que sejam cultivados para toda e

	<b>Novo Paradigma</b>	<b>Velho Paradigma</b>
<b>Nomes:</b>	Holístico	Cartesiano
	Ecológico	Newtoniano
	Sistêmico	Racionalista
<b>Raízes:</b>	Teoria Quântica (séc. XX Einstein)	Ciência mecanicista (séc. XVII)
	Percepção e Consciência Ecológicas - interligação e interdependência fundamentais de todos os fenômenos.	Sistema de valores patriarcal - dominação e controle da Natureza.
<b>Critérios:</b>	<b>1. Mudança da parte para o Todo.</b> As propriedades das partes só podem ser entendidas a partir da dinâmica do todo.	<b>1.</b> Acreditava-se que em qualquer sistema complexo a dinâmica do todo poderia ser compreendida a partir das propriedades das partes.
	<b>2. Mudança de estrutura para processo.</b> Cada estrutura é vista como a manifestação de um processo subjacente.	<b>2.</b> Pensava-se que havia estruturas fundamentais, bem como forças e mecanismos por cujo intermédio estas interagiam, dando nascimento ao processo.
	<b>3. Mudança de ciência objetiva para "ciência epistêmica"</b> Acredita-se que a epistemologia (compreensão do processo de conhecimento) deve ser incluída na descrição dos processos naturais.	<b>3.</b> Acreditava-se que as descrições eram objetivas, isto é, independentes do observador humano e do processo de conhecimento.
	<b>4. Mudança de construção para rede enquanto metáfora do conhecimento.</b> Na medida em que percebemos a realidade como uma rede de relações, nossas descrições formam, igualmente, uma rede interconexa representando os fenômenos observados.	<b>4.</b> A metáfora do conhecimento como construção - leis fundamentais, princípios fundamentais, blocos de construção fundamentais, etc. - tem sido usada na ciência e na filosofia ocidentais por milênios. Os alicerces estão se desagregando.
	<b>5. Mudanças de descrições verdadeiras para descrições aproximadas.</b> Se reconhece que todos os conceitos, todas as teorias e todas as descobertas são limitadas	<b>5.</b> O paradigma cartesiano baseou-se na crença de que o conhecimento científico poderia alcançar a certeza absoluta e final.



	<p><b>6. Cooperação com a Natureza.</b> Na nova ciência deve-se desenvolver a cooperação com a natureza, e os cientistas devem procurar o conhecimento a fim de aprenderem a respeito dos fenômenos naturais e serem capazes de seguir a ordem natural e de fluir na corrente do Tao (como se expressam os sábios chineses)</p>	<p><b>6.</b> O propósito da ciência e seu método, ainda hoje, são quase sinônimos de dominação e de controle da natureza, atitudes associadas a atitude patriarcal.</p>
	<p><b>7. Lar Terrestre.</b> Quando digo "<b>estou em casa</b>" quero dizer que eu faço parte de, e estou intimamente envolvido com uma realidade maior do que eu mesmo. Pertencço a todos os seres humanos, a todos os animais, às plantas. Estou em casa com eles, sou responsável por eles e para eles neta unidade cósmica.</p>	<p><b>7.</b> "Isto pertence a mim." O que nos dava uma falsa alegria, uma busca incessante de satisfação, era o consumo, ampliado a níveis abstratos e megalômanos até, e a posse objetiva ou mediada pelo dinheiro.</p>
	<p><b>8. Gratidão.</b> A espiritualidade começa com um senso de gratidão por estar vivo, gratidão pela dádiva deste universo ao qual pertencemos. No dar e no receber da vida de todos os dias, cada ação pode se tornar uma grata celebração desse pertencer, uma grata celebração da vida.</p>	<p><b>8. Eu como categoria distinta.</b> Egoísmo.</p>

	<b>Novo Paradigma</b>	<b>Velho Paradigma</b>
<b>Valores:</b>	<b>1. Inspiração mutua entre ciência e religião.</b>	<b>1. Conflito entre ciência e religião.</b>
	<b>2. Interdisciplinariedade.</b>	<b>2. Especialização.</b>
	<b>3. Integração e Cruzamento Cultural</b>	<b>3. auto-afirmação e Xenofobia</b>
	<b>4. Pensamento intuitivo</b>	<b>4. Pensamento racional ou discursivo</b>
	<b>5. Síntese</b>	<b>5. Análise</b>
	<b>6. Holismo</b>	<b>6. Reduccionismo</b>
	<b>6. Pensamento não-linear</b>	<b>6. Pensamento linear</b>
	<b>7. Cooperação</b>	<b>7. Competição</b>
	<b>8. Conservação</b>	<b>8. Expansão</b>
	<b>9. Qualidade</b>	<b>9. Quantidade</b>
	<b>10. Participação</b>	<b>10. Dominação</b>
	<b>11. Humanismo</b>	<b>11. Individualismo</b>
	<b>12. Poético ou metafórico</b>	<b>12. Proposicional</b>
	<b>13. Vivencial</b>	<b>13. Abstrato</b>
	<b>14. Histórias, Testemunhos e Diálogos</b>	<b>14. Proselitismo</b>
	<b>15. Responsabilidade e Sensibilidade</b>	<b>15. Exploração e Autodestruição</b>
<b>16. Autoconsciência</b>	<b>16. Alienação</b>	


	<b>17. Relações</b>	<b>17. Objetos</b>
	<b>18. Enriquecimento mútuo - Convívio</b>	<b>18. Exclusão - Isolamento</b>
	<b>19. Sabedoria está no brincar ( brincamos para chegar ao significado)</b>	<b>19. Trabalhamos para alcançar um fim</b>
	<b>20. Mundo como sistema vivo que tem sua própria inteligência e consciência</b>	<b>20. Mundo como um sistema mecânico e morto</b>
	<b>21. Diálogo com a Natureza e com a fonte profunda de todas as coisas</b>	<b>21. Dominação e Controle</b>
	<b>22. Tolerância e Pluralismo</b>	<b>22. Intolerância e Monolitismo</b>
	<b>23. Aproximações</b>	<b>23. Dogmas</b>
	<b>24. Ética</b>	<b>24. Progresso</b>
	<b>25. Experiência existencial e espiritual</b>	<b>25. Existência intelectual</b>
	<b>26. Entregar-se a experiência - Permitir que a experiência faça alguma coisa em nós - Enriquecimento da Verdade</b>	<b>26. Objetividade intelectual, Reflexiva e analítica - Subjugar a Realidade - Empobrecimento da Verdade</b>
	<b>27. Participante de importância vital no cosmos vivo</b>	<b>27. Observador passivo e separado do processo e movimento do cosmos</b>
	<b>28. Tempo é arte</b>	<b>28. Tempo é dinheiro</b>
	<b>29. Heterogênesse: processo contínuo de re-singularização</b>	<b>29. Homogeneidade e Massificação</b>
	<b>30. Complementariedade dos opostos</b>	<b>30. Luta entre os opostos</b>
	<b>31. Noções de interesse coletivo</b>	<b>31. Noções de proveito próprio</b>
	<b>32. Relato</b>	<b>32. Informação</b>

qualquer atividade que venha a desempenhar, seja no âmbito da escola, da família, e principalmente no relacionamento com os demais de sua comunidade.

Acreditamos que a comunidade poder criar seus próprios canais de expressão e, com isto, conquistar espaço nos canais tradicionais de informação para divulgar suas mensagens. Neste sentido, o projeto revela-se como espaço de aprendizado para todos os envolvidos, contribuindo para que a Universidade estabeleça laços de proximidade com a sociedade, e contribuindo, principalmente, para que a comunidade exercite os seus direitos e amplie a sua cidadania.

## 5. Últimas palavras

Assim como este texto, o projeto Pezinho de Jatobá está em construção, a partir das contribuições daqueles que se propõem a participar do mesmo, sejam moradores, estudantes, professores ou voluntários. E, por isso, aberto a mudanças, já que a sensibilização ambiental permite transformações, não só no meio, o bairro Shangri-lá, mas em cada ser humano que faz parte dele. Desta



maneira, as vozes se unem e passar a gritar junto e todos saem, de alguma forma, transformados.

## Referências

CAPRA, Fritjof; STEINDL-RAST, David; MATUS, Thomas. *Pertencendo ao Universo*. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 31

CARRASCO, J. C. Rol del Psicólogo en el mundo contemporáneo. En el Psicólogo: roles, escenarios y quehaceres, de Giorgi. V. y col. Montevideo: Ed. Roca Viva, 1991, p. 23

FERULLO DE PARAJÓN, A. G. Poder y participación: una unión inseparable. *In: El triángulo de las tres P: Psicología, participación y poder*. Buenos Aires: Paidós, 2006, p. 90

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2001, p. 45

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1993, p. 45

JUNG, Carl Gustav. *Sincronicidade*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 231

LOPES LIMA, Grácia. *Educação pelos meios de comunicação ou produção coletiva de comunicação, na perspectiva da educomunicação*. São Paulo: Instituto Gens de Educação e Cultura, 2009, p. 28

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. *Televisão comunitária: dimensão pública e participação cidadã na mídia local*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 110

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO Experimental / Editora 34, 2005, p.16

REBELLATO, J. L.; GIMÉNEZ, L. Procesos de construcción de saberes. Aprendizajes interlocucionarios. *In: Ética de la Autonomía: Desde la práctica de la Psicología con las comunidades*. Montevideo: Ed. Roca Viva, 1997, p. 453

RODRIGUEZ, A.; Netto, C.; MAROTTA, C.; CASELLA, G. La practica de psicologos en el área comunitaria. ¿Ser o no ser? *In: V Jornadas de Psicología Universitaria. Facultad de Psicología*. Montevideo: Ed. Universidad de la Republica, 2000. p. 46

RUSSELL Peter. *O despertar da terra: o cérebro global*. São Paulo: Cultrix, 1991, p. 21

TSÉ, Lao. *Tao Te King: o livro do sentido e da vida*. São Paulo: Hemus Edutora, 1983 p.30



## Minicurrículos

Lara Lima Satler é colaboradora do projeto Pezinho de Jatobá e professora da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia-UFG. Doutoranda em Arte e Cultura Visual.

Ana Rita Vidica é coordenadora do projeto Pezinho de Jatobá, criado em 2001, pela Professora da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia-UFG, Ms. Lisbeth Oliveira. Professora de fotografia da referida faculdade.

Maria Júlia Pascali é coordenadora do Projeto de Extensão Sincronicidade e Expressão, vinculado à Escola de Música e Artes Cênicas da UFG (Goiânia, GO, Brasil) junto aos alunos de Teatro, desenvolvemos ações de oficinas cênicas e apresentações junto às comunidades do Shangri-lá (via Pezinho de Jatobá) e dos bairros do Bonfim e do Carmo, na cidade de Pirenópolis (via o Ponto de Cultura COEPI).

Marcelo Javier Aguirre Marquez é colaborador do projeto Pezinho de Jatobá e discente de intercâmbio da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia-UFG.

Suzany Newbarth Araújo é colaboradora e bolsista do projeto Pezinho de Jatobá e discente da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia-UFG.